



JAQUELINE MARIA DRONG

**PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS
DISLÉXICAS: ESTUDO DE CASO**

Pitanga – Paraná
2019

JAQUELINE MARIA DRONG

**PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS
DISLÉXICAS: ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Área das Ciências Humanas da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná-UCP, como requisito à obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professora Orientadora: Ms. Sandra Maria Papin Rodrigues

Pitanga
2019

D783p

Drong, Jaqueline Maria.

Processo de identificação e diagnóstico de crianças
disléxicas: estudo de caso / Jaqueline Maria Drong, 2019
54 f.

Orientador: Sandra Maria Papin Rodrigues

Monografia (Graduação) – Faculdade de Ensino Superior do
Centro do Paraná, Pitanga, 2019

1. Dislexia. 2. Identificação. I. Faculdade de Ensino Superior
do Centro do Paraná. II. Título.

Feita pelo bibliotecário Eduardo Ramanauskas
CRB9 -1813

TERMO DE APROVAÇÃO

PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS DISLÉXICAS: ESTUDO DE CASO

Trabalho de Curso aprovado com nota 0,0 (número extenso) como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em (nome curso) da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientadora (Presidente): Ms. Sandra Maria Papin Rodrigues

Curso de (nome do curso), Faculdade UCP

Membro: **Prof. Nome do Professor**
Curso de (nome do curso), Faculdade UCP

Membro: **Prof. Nome do Professor**
Curso de (nome do curso), Faculdade UCP

Pitanga, ____ de _____ de 2019.

Dedico este trabalho a todos que contribuíram de alguma forma para que fosse efetuado e pelo apoio a mim dedicado, especialmente dedico a minha orientadora, aos professores e a minha família, que sempre acreditou no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me abençoou nessa caminhada por, muitas vezes, difícil, pois com seu acompanhamento e amparo em todos os momentos, pude concluir esse trabalho.

Agradeço à minha orientadora, que além da constante orientação me presenteou com sua amizade Sandra Maria Papin Rodrigues, a qual facilitou o processo de conclusão desse trabalho, acompanhando cada etapa e realizando os encaminhamentos necessários para que este chegasse ao seu término.

Agradeço aos meus queridos pais Paulo Drong e Vânia Alves Drong e a minha irmã Fabiana Drong que sempre estiveram ao meu lado, incentivando-me e apoiando-me quando preciso, fazendo com que nunca desistisse de minha caminhada.

Agradeço a minha família, principalmente ao meu avô Mariano Alves Batista e a minha avó Rosa Alves Batista, pelos exemplos de honestidade, de amor e de perseverança, pois sempre incentivaram-me e apoiaram-me em minhas escolhas.

Agradeço as minhas colegas de estágio Ana Flávia Alves Batista e Ana Paula Hamerega Schornobay, que me presentearam com sua amizade e companherismo.

E, por fim, agradeço os meus queridos professores Humberto de Oliveira Ausec, Valdir Guimarães, Angelica Scariot, Elma Kovalim, Helena de Andrade e Grazielle Potoski que sempre me ajudaram ao longo dessa caminhada acadêmica.

A todos, muito obrigada!

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.” - Rubem Alves

DRONG, Jaqueline Maria. Orientador RODRIGUES, Sandra Maria Papin. **Processo de Identificação e Diagnóstico de Crianças Disléxicas**: Estudo de caso. 2019. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)– Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, Pitanga, 2019.

RESUMO

O presente trabalho aborda como temática a Dislexia que visa entender como acontece o processo de identificação, encaminhamento do aluno e o diagnóstico de crianças disléxicas. A dislexia é um transtorno de aprendizagem mais especificamente da leitura e escrita de origem neurológica, comprometendo o seu desenvolvimento escolar. Contudo, quando a criança é diagnosticada precocemente, tem maiores chances de ter um desenvolvimento escolar mais eficaz, porém são encontradas dificuldades em diagnosticar os problemas de aprendizagem. Essa problemática é causada, algumas vezes, por falta de profissionais especializados na área, ou então, por formas avaliativas inapropriadas, além de outras razões. Portanto, diante disso, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender o caminho pelo qual uma criança disléxica percorre para a identificação e acompanhamento no processo diagnóstico da dislexia. Diante disso, a principal problemática da pesquisa é determinar quais são os procedimentos utilizados segundo a literatura para o diagnóstico e encaminhamento de estudantes disléxicos, e como acontece o processo diagnóstico no município de Pitanga, segundo uma visão de profissionais que são responsáveis pelo diagnóstico e professores de salas de recursos, que trabalham com estudantes que têm o transtorno. Para a elaboração desta monografia, foram utilizadas pesquisas bibliográficas, retiradas do Google Acadêmico e do Scielo, também será realizada uma pesquisa de campo, que tem como objetivo contribuir para o entendimento do tema abordado. Uma das metodologias adotadas foi o estudo de caso, o qual auxilia na compreensão de como ocorre o processo de identificação e diagnóstico da dislexia, perante o trabalho dos profissionais que trabalham com o diagnóstico e com a visão de professores de salas de recursos.

Palavras-chave: Identificação e Diagnóstico. Dislexia. Dificuldade de aprendizagem. Estudo de caso.

DRONG, Jaqueline Maria. Orientador RODRIGUES, Sandra Maria Papin. **Identification and Diagnosis of Dyslexic Children: Case Study**. 2019. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)– Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, Pitanga, 2019.

ABSTRACT

This paper focuses on Dyslexia and intends to understand the identification, referral and diagnosis process of dyslexic children. Dyslexia is a learning disorder related to reading and writing process that has a neurological origin, which, consequently, affects the child's school development. However, the earlier a dyslexic child is diagnosed, the greater will be the chances of increase its learning advances, but this is not an easy work. The late diagnosis is surrounded by some issues, being one of them the absence of qualified personnel to provide it, as well as inappropriate evaluation means. So, the main purpose in this research is enlightening how to diagnose and follow-up a dyslexic student according to literature, and understand how this process happens in Pitanga (Parana, Brazil) according to the overview from personnel responsible for disorders diagnosis and teachers who act in Multifunctional Class. This paper is based on Google Scholar and Scielo, in addition to a field research, that aims to contribute for comprehension of the present theme. In the same way, a case study was realized to assist the understanding of the diagnosis process in front of the personnel responsible for it and teachers who works in Multifunctional Class.

Key-words: Identification and Diagnosis. Dyslexia. Learning disability. Case study.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Comparação entre o trabalho desenvolvido por profissionais que trabalham com o diagnóstico com que a Literatura prevê para o Diagnóstico da Dislexia..... | 29 |
| Quadro 2 – Resultados entre à comparação do trabalho desenvolvido por profissionais que trabalham com o diagnóstico com o que a Literatura prevê para o Diagnóstico da Dislexia | 39 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|--|
| ABNT | Associação Brasileira de Normas Técnicas |
| BENDER | Teste Gestáltico Visomotor de Bender |
| CID 10 | A Classificação Internacional de Doenças- 10º revisão |
| CONFIAS | Avaliação da Consciência Fonológica- Instrumento de Avaliação Sequencial |
| DSM-IV | Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-5º revisão |
| EAVAP-EF | Escala de Avaliações das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental |
| PROLEC | Provas de Avaliação de Processos de Leitura |
| SPECT | Tomografia Computadorizada por Emissão de Fóton Único |
| TDE | Teste de Desempenho Escolar |
| WISC | Escala Wechsler de Inteligência para Crianças |

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1 . INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1.1 PROBLEMA..... | 14 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA..... | 14 |
| 1.3 OBJETIVOS | 15 |
| 1.3.1 Objetivo Geral..... | 15 |
| 1.3.2 Objetivos Específicos..... | 15 |
| 2. SOBRE A DISLEXIA | 16 |
| 2.1 OUTRAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM | 17 |
| 2.2 SOBRE O DIAGNÓSTICO DA DISLEXIA | 18 |
| 2.2.1 Testes utilizados no diagnóstico da dislexia | 19 |
| 2.2.2 Testes exclusivos para psicólogos..... | 22 |
| 2.3 SALA DE RECURSOS..... | 23 |
| 3. METODOLOGIA..... | 27 |
| 3.1 TIPO DE PESQUISA..... | 27 |
| 3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA | 27 |
| 3.2.1 População..... | 27 |
| 3.2.2 Amostra | 28 |
| 3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS | 28 |
| 3.3.1 Instrumentos..... | 28 |
| 3.3.2 Procedimentos | 28 |
| 3.4 ANÁLISE DE DADOS | 30 |
| 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 31 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |
| REFERÊNCIAS..... | 45 |
| APÊNDICE A | 50 |
| ANEXO A..... | 53 |
| CARTA DE AUTORIZAÇÃO/ANUÊNCIA | 53 |
| ANEXO B | 54 |
| TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) | 54 |

1 . INTRODUÇÃO

A fase de alfabetização é uma das mais importantes para uma criança, pois ela aprende a ler e a escrever, ou seja, é a chave para o conhecimento. Apesar disso, há uma parcela significativa da população que possui dificuldades de aprendizagem. Uma dessas dificuldades é a dislexia, que atrapalha muito a vida escolar do aluno, principalmente na fase da alfabetização.

A dislexia é um transtorno de aprendizagem, mais especificamente da leitura e da escrita, de origem neurológica, comprometendo a aquisição e o desenvolvimento de leitura e escrita.

Contudo, quando a criança é diagnosticada precocemente, tem mais chances de ter um desenvolvimento escolar mais eficaz, porém são encontradas dificuldades em diagnosticar os problemas de aprendizagem. Essa problemática é causada, algumas vezes, por falta de profissionais especializados na área, ou então, por formas avaliativas inapropriadas, além de outras razões. Isto posto, justifica-se a escolha do tema dislexia como necessidade de abordar esse assunto no contexto da educação.

Em vista disso, o objetivo principal do presente trabalho é buscar identificar quais são os procedimentos utilizados, segundo a literatura, para o diagnóstico e encaminhamento de estudantes disléxicos e como acontece o processo diagnóstico no município de Pitanga, segundo uma visão de profissionais que são responsáveis por esse trabalho e também de acordo com os professores de salas de recursos que trabalham com estudantes os quais apresentam o transtorno.

Como objetivos secundários, apresentar-se-ão: propor uma reflexão sobre o caminho o qual uma criança disléxica percorre para a identificação e o acompanhamento no diagnóstico da dislexia; identificar como acontece o processo diagnóstico da dislexia; entender como acontece a identificação e o acompanhamento de crianças disléxicas; verificar o que preconiza a literatura sobre o diagnóstico da dislexia; comparar os procedimentos diagnósticos previstos na literatura com os métodos utilizados no município de Pitanga, sob a visão de profissionais que trabalham com o diagnóstico; realizar uma coleta de dados, referente ao diagnóstico da dislexia no município de Pitanga; evidenciar como é o trabalho realizado em salas de recursos, com alunos disléxicos.

Com o intuito de ter uma melhor compreensão dessa abordagem, a pesquisa, de caráter exploratório, tem a finalidade de tornar o tema mais evidente possível e também porque comporta uma pesquisa de campo, de cunho acadêmico.

Na primeira seção serão trabalhados os conceitos e definições do transtorno de aprendizagem (dislexia) e outras dificuldades de aprendizagem semelhantes à dislexia.

A segunda seção abordará sobre o diagnóstico da dislexia, testes utilizados no diagnóstico da dislexia e testes exclusivos para uso de psicólogos.

Na terceira seção discorrerá sobre o trabalho nas salas de recursos multifuncionais.

O suporte principal, como busca de conhecimento, será obtida por meio de autores, conceituados, reconhecidos e respeitados nas respectivas áreas da educação no qual se trata sobre os temas dislexia e dificuldades de aprendizagem e o processo diagnóstico da dislexia como Pestun (2001), Massi (2007), Vygotsky (1988;1997), dentre outros.

À vista disso, espera-se que, nas considerações finais, os objetivos propostos sejam alcançados e que venham a colaborar com a prática docente, no sentido de que esta pesquisa traga compreensão da diversidade em sala de aula, pois os alunos disléxicos precisam de um olhar diferenciado para que suas dificuldades sejam, ao menos, minimizadas.

1.1 PROBLEMA

Na atualidade, o número de crianças que apresentam as dificuldades de aprendizagem vem aumentando, um exemplo disso é a dislexia, que normalmente é identificada e diagnosticada, no processo de início de alfabetização da criança. Dessa forma, é importante entender como acontece esse processo tão importante e que pode mudar a vida de um criança e de sua família. Em vista disso, quais são os procedimentos utilizados segundo a literatura para o diagnóstico e encaminhamento de estudantes disléxicos, e como acontece o processo diagnóstico no município de Pitanga, segundo uma visão de profissionais que são responsáveis pelo diagnóstico e também de acordo com os professores de salas de recursos, que trabalham com estudantes que têm o transtorno?

1.2 JUSTIFICATIVA

A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem que se manifesta em um dos momentos mais importantes para o desenvolvimento do aluno, a fase de alfabetização, o que acaba se tornando um peso para a vida escolar deste aluno. E quando a dislexia não é diagnosticada, o aluno é rotulado como lerdo, preguiçoso, entre outros adjetivos que são dados, atrapalhando muito sua aprendizagem.

Deste modo, surge a necessidade de um diagnóstico, pois pode ser importante para orientar práticas interventivas com a criança que resultem na diminuição ou em uma vivência acadêmica mais eficaz, pois uma vez que é diagnosticado, o aluno tem mais chances de passar por um tratamento, ou seja, consegue entender melhor o que está acontecendo com ele, assim, pode frequentar uma sala de recursos para que seu desempenho escolar venha melhorar, encontrando mais chances de desenvolvimento na leitura e na escrita. Mas apesar disso, vem se encontrando no âmbito educacional dificuldades em chegar ao diagnóstico da dislexia.

Diante desse pressuposto, destaca-se a importância desta pesquisa, pois muitas crianças em idade escolar apresentam algumas dificuldades na leitura e na escrita, resultando em altos índices de retenção e evasão escolar.

Além disso, faz-se necessário para a Pedagogia, pois no dia a dia, o pedagogo pode passar por muitos desafios, e em um deles é deparar-se com um aluno com dislexia e não saber como trabalhar com ele, ou até então, não saber

como auxiliar o professor nesse trabalho, e isso acontece, muitas vezes, por falta de informações, portanto, a necessidade de mais pesquisas sobre esse tema, para que o pedagogo esteja aprofundado no assunto.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender o caminho pelo qual uma criança disléxica percorre para a identificação e acompanhamento no diagnóstico da dislexia.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar como acontece o processo diagnóstico da dislexia;
- Entender como acontece a identificação e o acompanhamento de crianças disléxicas;
 - Verificar o que preconiza a literatura sobre o diagnóstico da dislexia;
 - Comparar os procedimentos diagnósticos previstos na literatura com os métodos utilizados no município de Pitanga, sob a visão de profissionais que trabalham com o diagnóstico;
- Realizar uma coleta de dados, referente ao diagnóstico da dislexia no município de Pitanga;
- Evidenciar como é o trabalho realizado em salas de recursos, com alunos disléxicos.

2. SOBRE A DISLEXIA

A partir do estudo e/ou da concepção de alguns autores, esta pesquisa terá como base teórica autores tais como Magda Solange Vanzo Pestun (2001), Giselle Massi (2007) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), visto que apresentam como base teórica as características da dislexia, as formas avaliativas, ou seja, os profissionais que são necessários para chegar a um diagnóstico, e também referentes aos testes que são utilizados nas avaliações diagnósticas. A literatura afirma que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica, a qual se manifesta por meio de dificuldades na leitura e na habilidade de decodificações e soletração. A Classificação Internacional de Doenças (CID), em sua décima revisão, no código F81.0, identifica a dislexia como um transtorno específico de leitura, comprometendo seu desenvolvimento na idade de escolarização.

De acordo com a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID 10 (2008, s/p), o transtorno específico de leitura caracteriza-se como:

[...] um comprometimento específico e significativo do desenvolvimento das habilidades de leitura, não atribuível exclusivamente à idade mental, a transtornos de acuidade visual ou escolarização inadequada. A capacidade de compreensão da leitura, o reconhecimento das palavras, a leitura oral, e o desempenho de tarefas que necessitam da leitura podem estar todas comprometidas. O transtorno específico da leitura se acompanha frequentemente de dificuldade de soletração, persistindo comumente na adolescência, mesmo quando a criança haja feito alguns progressos na leitura. As crianças que apresentam um transtorno específico de leitura tem frequentemente antecedentes de transtornos da fala ou de linguagem. O transtorno se acompanha comumente de transtornos emocional e de transtornos do comportamento durante a escolarização.

A classificação define claramente as características do transtorno específico de leitura, pois os primeiros sinais podem ser demonstrados nos anos iniciais de escolarização da criança, como apresentar dificuldade em aprender os sons do alfabeto e o nome das letras, ter dificuldade na compreensão do material lido, demonstrar dificuldade em sentidos de direção, direita e esquerda, na fala inteligível e outros. Como é apontado no DSM-IV (2002, pp. 82-83), no transtorno da leitura que equivale na capacidade leitora e compreensão, que são medidas por testes padronizados, os quais, normalmente, são abaixo do esperado pela idade cronológica da criança, a dificuldade na leitura afeta consideravelmente na vida cotidiana da que necessita fazer uso da leitura. Em indivíduos com transtorno da

leitura, que também são chamados de “disléticos”, estes encontram dificuldades em leitura em voz alta como também identificam-se lentidão e erros na compreensão.

A dislexia, por remeter à linguagem, à leitura e à escrita, apresenta tipos diferentes da patologia, sendo, segundo Alves *et al.* (2009), como a dislexia fonológica a mais comum, que apresenta distúrbio no processamento fonológico, que se destaca pela dificuldade no desenvolvimento de decodificação fonológica (na junção entre grafema/fonema) essencial na leitura de palavras familiares, a dislexia visual/lexical caracterizada pela dificuldade no processamento visual das palavras, e a dislexia mista, que apresenta dificuldades nos dois setores visual e fonológico. Nos casos mais comuns os disléticos apresentam dificuldades no processamento fonológico, que apresenta bloqueio, em realizar atividades que envolvam repetições de palavras e não palavras, nomeação rápida de figuras e palavras, adição, subtração e modificação de fonemas. Esses são os tipos diferentes da patologia, sendo que em cada aluno pode se manifestar de maneiras diferentes, como em conjunto envolvendo todas os tipos diferentes citados da dislexia, ou apresentar apenas um como a fonológica por exemplo.

2.1 OUTRAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Além da dislexia, o aluno pode apresentar outras dificuldades de aprendizagem semelhantes à dislexia como a disgrafia e a discalculia, como relata o DSM-IV (2002, pp.83-86), o transtorno da expressão escrita, também chamado de “disgrafia”, o qual interfere significativamente no rendimento do indivíduo que apresenta dificuldades em formar textos escritos, manifesta erros de gramática, pontuação, caligrafia ruim e outros prejuízos na expressão escrita. Esses critérios igualmente aos anteriores, são avaliados por testes padronizados, quando as habilidades da criança são abaixo do esperado pela idade cronológica.

Ainda, segundo o DSM-IV(2002), o Transtorno da Matemática, conhecido como “discalculia”, consiste em um rendimento matemático abaixo do esperado para a idade cronológica da criança, interfere significativamente em seu rendimento escolar. Suas principais dificuldades são reconhecer símbolos numéricos, copiar corretamente números e cifras, habilidades de atenção, em lembrar de somar os números elevados, além de outras, que também são medidas as dificuldades do aluno por testes padronizados, para assim chegar ao diagnóstico diferencial.

2.2 SOBRE O DIAGNÓSTICO DA DISLEXIA

Antes de chegar a um possível diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, em primeiro lugar, deve acontecer a identificação, que pode ser feita pela família ou então pela equipe pedagógica da escola, ou seja, professores, pedagoga e direção, mas até então vem se encontrando barreiras para essa identificação, ou para encaminhamentos a fim de proceder a uma avaliação diagnóstica do aluno. Frederico (2015) aponta que os estudos da literatura apresentam barreiras, não se encontram instrumentos de comunicação ou de encaminhamentos hábeis para suprir ou diminuir essas lacunas na identificação dessas dificuldades, pois, depois do encaminhamento para os serviços de saúde e profissionais especializados, com métodos eficazes, torna-se mais fácil chegar a um diagnóstico. A idade em que o diagnóstico é realizado, ou deveria ser, segundo o *site* Portal da dislexia (2019), deve aparecer no decorrer do primeiro ciclo do Ensino Básico, pois é recomendável que o diagnóstico formal da dislexia não seja determinado muito antes de meados do 2º ano de escolaridade, haja vista que as crianças podem apresentar algumas dificuldades de aprendizagem de forma banais, mas, no caso da dislexia, deve-se observar dificuldades persistentes e não transitórias, para assim ter um diagnóstico concreto.

Portanto, quando se destina a avaliar esses alunos com dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita, encaminhados para um acompanhamento clínico, estes serão conduzidos por especialistas na área. Segundo Massi (2007), é necessário um acompanhamento qualificado na área como psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e outros, para diagnosticar o aluno como disléxico ou então, que o mesmo apresente a de dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita, cujo objetivo será confirmar a suspeita da escola.

Daí vem a necessidade desta investigação para fazer análise do comportamento da criança, como ressalta Pestun, Ciasca e Gonçalves (2002), a avaliação da dislexia é multiprofissional, pois envolve a participação de vários profissionais como o psicólogo, que fará uma avaliação emocional a qual compreende saber, por exemplo, se a criança vem sofrendo algum tipo de exclusão ou *bullying* na escola, como os pais entendem as dificuldades da criança, ou seja, como um fracasso ou como uma adversidade comum, já que saber dessas razões é importante, haja vista que assim algumas questões podem ser corrigidas, antes de qualquer intervenção. Já o profissional psicopedagogo fará a avaliação acadêmica,

que envolve saber se o estudante já vem reprovando, se ele está fora da idade para sua turma, como é seu desenvolvimento em sala de aula.

No que se refere ao trabalho da fonoaudióloga, esta fará a avaliação auditiva com o objetivo de saber se, somadas as dificuldades do estudante, ele tem algum tipo de perda auditiva, assim configurando uma equipe multidisciplinar. Também são utilizados médicos de diferentes áreas, que ajudarão a chegar ao diagnóstico. Ressalta-se que é importante fazer a avaliação de neuroimagem a fim de detectar qualquer lesão cerebral, que pode ser a causa da dificuldade da criança. Os resultados das avaliações dos profissionais devem ser analisados e discutidos em conjunto para chegar a um diagnóstico diferencial especificando as dificuldades observadas na criança.

2.2.1 Testes utilizados no diagnóstico da dislexia

Além de passar pela avaliação profissional, também são utilizadas algumas formas avaliativas para constatar o diagnóstico que, na maioria das vezes, são testes padronizados os quais são citados em diversos manuais que visam apontar ou diagnosticar a dislexia. Um exemplo desses testes são, como aponta Massi (2007, pp.132-133).

Manipulação de fonemas (o aluno é solicitado a inverter os fonemas iniciais de duas palavras); / Fluência verbal (a criança examinada é solicitada a dizer o máximo de palavras começada com determinada letra em um período limitado de tempo); / Reprodução de sons que iniciam, terminam e estão no meio de palavras proferidas pelo examinador; /Formação de palavras (o aluno é solicitado a formar palavras usando 'sons e sílabas produzidos pelos examinador); /Formação de frases com palavras fornecidas pelo avaliador; /Soletração e repetição de palavras; /Leitura e separação de palavras nos seus sons unitários, em sílabas, em encontros consonantais e em dígrafos; Leitura de logatomas, objetivando avaliar o reconhecimento do sistema fonético-fonológico do aluno avaliado; /Leitura em voz alta de textos simples, para avaliar habilidades de segmentação das orações; /Extração de conceitos fundamentais de um texto; /Identificação e nomeação de letras do alfabeto, apresentadas em ordem aleatória; /Cópia e ditado de letras do alfabeto, de listas de palavras, de frases e de parágrafos; /Correção de frases que não seguem critérios semânticos e gramaticais (o examinador apresenta, por exemplo a sentença "Branca de Neve é um bruxo" e a criança deve corrigi-la); /Escrita espontânea;

Esses testes ajudam a chegar em um possível diagnóstico, quando um aluno apresenta desordem em aprender, além de dificuldades linguísticas, daí vem a importância de uma intervenção precoce. Nesse sentido, para chegar mais rápido

em um diagnóstico é necessário contar com uma equipe de profissionais especializados na área. Isso se torna mais fácil a partir de mais exemplos de testes avaliativos que são utilizados para constatar a patologia, como ressaltam as autoras Fukuda e Capellini (2011), as quais fizeram uma pesquisa para a identificação precoce da dislexia. Neste caso, foram aplicadas sete provas para a identificação do problema: o primeiro item avaliado foi o Conhecimento do Alfabeto, que corresponde em mostrar o alfabeto para a criança, a fim dela identificar o nome da letra e o valor sonoro.

Ainda, de acordo com as autoras, o segundo item é Consciência Fonológica, sua concepção, diz respeito à capacidade que vai de uma usual percepção global até mesmo o tamanho de palavras ou a semelhança fonológica entre elas, as quais antecedem a aprendizagem da leitura e escrita, assim estando relacionado ao desenvolvimento simbólico da criança, no fundamento dos aspectos sonoros das palavras e aspectos semânticos, bem como a correspondência entre grafema e fonema. O segundo item foi dividido em sete partes: produção da rima: apresentam-se palavras auditivamente para as crianças, a fim de que falem as palavras que acabam com o mesmo som; segundo ponto: identificação da rima: é o mesmo processo da primeira, mas, nessa, as crianças deveriam reconhecer as palavras que terminavam com o mesmo som; terceiro item: segmentação silábica: passou-se palavras auditivamente para as crianças, para separarem em sílabas; quarto ponto: produção de palavras a partir do fonema dado: foi mostrado sons de palavras do alfabeto para as crianças e pedido para apontarem palavras que comessem com o mesmo som; quinto item: síntese fonética: foi apontado palavras auditivamente separadas por sons, e pedido para que falassem a palavra gerada; sexto ponto: análise fonética: o mesmo processo que a anterior, mas nessa deveria-se dizer o som de cada letra das palavras mostradas; sétimo item: identificação do som inicial: neste a criança deveria falar o primeiro som que iniciava a palavra.

O terceiro item é Memória de Trabalho: foram passadas pseudopalavras¹ auditivamente, para que as crianças repetissem como tinham ouvido.

¹ Seu significado é pseudo que vem do grego *pseudēs* que significa pseudônimo de (nome falso) a qual se trata de um prefixo, ou seja, juntado um prefixo com outra palavra, agrega outro significado, e a definição do termo palavra que derivada do (*latil parábola*) como é uma unidade linguística com conceito do qual pertence a uma classe gramatical referindo-se a fala de um som ou conjunto de sons, e na escrita um conjunto de sinais gráficos. (CEREJA; MAGALHAES, 2008, s/p).

No quarto ponto é Velocidade de acesso à informação fonológica, que corresponde em mostrar para as crianças, imagens, para descreverem em uma palavra a figura que estavam vendo e de forma rápida.

O quinto item -Velocidade visual- se assemelha com o anterior, mas, neste caso, a criança deveria falar duas palavras correspondente à figura ao invés de uma.

O sexto ponto que se refere à Leitura de palavras e pseudopalavras, são entregues palavras normais e pseudopalavras, para que as crianças façam a leitura.

E no último item, ou seja, o sétimo, Compreensão de frases a partir de figuras apresentadas, corresponde em mostrar figuras para as crianças e solicitar a elas que montem frases com as imagens.

Esses são alguns dos testes que são aplicados em alunos com suspeitas de dislexia a fim de apontar e diagnosticar a patologia e analisar como vai a consciência fonológica, a fim de, após ser diagnosticada, possa receber um tratamento adequado.

Nas avaliações diagnósticas podem ser utilizadas diversas formas avaliativas com o objetivo de diagnosticar a dificuldade da criança. A autora Pestun (2001), estabelece alguns passos a serem seguidos em uma avaliação diagnóstica da dislexia sendo eles, em primeiro lugar, se faz a triagem inicial que é composta em fazer uma entrevista com os pais ou responsáveis pela criança para recolher informações sobre como foi o desenvolvimento da criança durante o período em que estava no útero da mãe, e como foi seu desenvolvimento durante sua infância até a idade que se encontra até o momento, também deve-se entregar um questionário para a professora responder como é o desenvolvimento escolar da criança, e os motivos pelos quais foi dado o encaminhamento do aluno, ou seja, quais são suas dificuldades escolares.

Ainda, de acordo com a autora, o segundo passo é avaliação psicológica e neuropsicológica, são responsáveis pelos exames intelectuais, com o uso de alguns testes como o WISC², que avalia a capacidade intelectual da criança. O teste dispõe

² Os nomes dos testes exclusivos para o uso de psicólogos, estabelecidos pela resolução CFP N° 009/2018, que estabelece diretrizes para cumprimento de Avaliação Psicológica na execução profissional do psicólogo e determina o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATERSI, assim como designa quais requisitos mínimos os instrumentos devem apresentar para serem admitidos como testes psicológicos, como WISC por exemplo, que normalmente são apresentados como siglas, como WISC que aparece normalmente em sigla, mas significa Escala Wechsler de Inteligência para Crianças. **Conselho Federal de Psicologia**. Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) Disponível em: <http://satepsi.cfp.org.br/> Acesso em 25 Agosto 2019.

de quatro índices, que são: Compreensão Verbal, Organização Perceptual, Memória Operacional, Velocidade de Processamento, e o QI total, além de avaliar o nível cognitivo da criança dos 5 aos 15 anos de idade, e inclusive as dimensões de linguagem. Outro teste utilizado é o Bender que é utilizado para medir o nível de inteligência da criança, mostra a relação de aprendizagem e sua aquisição da escrita, outro teste utilizado é Audibilização, um teste de memória em crianças na fase inicial da escrita. Esses testes são utilizados em uso exclusivo para psicólogos, que avaliam essas dimensões citadas acima, também usados para dislexia por avaliarem dimensões de linguagem.

Como relata Pestun (2001), o terceiro passo classificado pelas seguintes tarefas são: Avaliação Específica de Leitura e Escrita; Leitura Oral de Palavras; Repetição de Palavras e Tomada de Ditado; Leitura de Texto, nesses itens são avaliados o tipo de leitura, ou seja, se é silabada, pausada ou fluente, e também o quanto tempo a criança utiliza para realizar a leitura do texto, sua compreensão do texto, respeito aos sinais de pontuação, entonação, frequência de erros e se seu nível de leitura é normal, alterada ou muito comprometida; e Segmentação Fonética.

Pestun (2001) explica que o quarto passo são exames complementares: avaliação neurológica e a tomografia por emissão de fóton único (SPECT), uma modalidade de imagem que permite uma avaliação funcional do cérebro, como a análise do fluxo sanguíneo. Outros exames utilizados foram o audiológico e o oftalmológico.

Essas são formas avaliativas, com o objetivo de chegar ao diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, mais especificadamente em dificuldades envolvendo a leitura /e escrita.

2.2.2 Testes exclusivos para psicólogos

Teste (EAVAP-EF): Além dessas formas avaliativas com o objetivo em chegar ao diagnóstico da dislexia, há alguns testes exclusivos para uso de psicólogos utilizadas nas avaliações diagnósticas, como EAVAP-EF- Escala de avaliações das estratégias de aprendizagem para o ensino fundamental que, segundo Santos e Alliprandini (2018), as estratégias de aprendizagem são utilizadas para a utilização

de técnicas para melhoramento do desenvolvimento do aluno que são denominadas como cognitivas e metacognitivas, as quais auxiliam o pensar e o aprender.

Teste (COMFIAS): Outro teste utilizado é a Avaliação da Consciência Fonológica-Instrumento de Avaliação Sequencial (CONFIAS). Guedim *et al.* (2017) explica que essa avaliação é formada em duas partes, tratando-se a primeira sobre a consciência silábica e a segunda corresponde à consciência de fonemas. Os resultados do teste são divididos em 40 pontos para a consciência silábica e 30 pontos para consciência de fonemas, totalizando 70 pontos, que serão avaliados segundo o desenvolvimento do aluno durante a aplicação do teste.

Teste (PROLEC): O próximo teste utilizado é PROLEC- Provas de Avaliação de Processos de Leitura. Segundo Oliveira, Cardoso e Capellini (2012), essa avaliação atua da seguinte forma: dividida em quatro blocos, para avaliar quatro processos de leitura: o primeiro passo é Identificação de letras, formado em duas provas, com o objetivo de avaliar a capacidade dos alunos em identificar letras e sons; o segundo passo é Processos léxicos, formado por provas, que são provas de decisão lexical, prova de leitura de palavras; a terceira prova tem como objetivo analisar o desempenho do aluno nas provas anteriores; o terceiro passo é Processos sintáticos, dividida em duas provas que são estruturas gramaticais e prova de sinais de pontuação; e o quarto passo Processos semânticos, dividido em duas provas, que são compreensão de orações e compreensão de textos e, assim, será analisado o desenvolvimento do aluno segundo o resultado da avaliação.

Teste (TDE): Outro teste utilizado é TDE- Teste de Desempenho Escolar, que segundo Pelitero, Manfredi e Schnerck (2010), avalia as capacidades fundamentais do desempenho escolar, mais detalhadamente da escrita, aritmética e leitura. O teste avalia o desempenho da criança comparando com o que é esperado pela sua idade cronológica.

Esses testes são de uso exclusivo de psicólogos com o objetivo de avaliar o desempenho do aluno para se detectar dificuldades de aprendizagem como, por exemplo, a dislexia.

2.3 SALA DE RECURSOS

As salas de recursos ajudam no ensino e aprendizagem de alunos com dificuldades de aprendizagem como, por exemplo, a dislexia, na qual recebem atendimentos especializados, e focados em suas dificuldades, com o objetivo de

poderem ter uma vida acadêmica mais agradável, as salas de recursos atendem as propostas pedagógicas da escola, sendo que o público-alvo atendido é de acordo com o documento da Secretaria de Educação Especial, intitulado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, elaborado pela Secretaria de Educação Especial (2008, s/p):

[...] os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem nesse grupo alunos com autismos, síndrome do espectro autista e psicose infantil. Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. Dentre os transtornos funcionais específicos estão: dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, transtornos de atenção e hiperatividade, entre outros.

Essas são algumas das dificuldades de aprendizagem que recebem atendimento pedagógico diferenciado em salas de recursos, no ensino regular de ensino, que tem como finalidade oferecer estratégias especializadas e focadas na dificuldade do aluno, para que lhe proporcione um desenvolvimento acadêmico. As autoras Oliveira; Gotti e Dutra (2006) destacam que nos espaços de salas de recursos, são elaboradas atividades com base em estratégias que direcionem a construção do conhecimento do aluno com dificuldades educacionais. Assim sendo, a sala de recursos multifuncional precisa contar com profissionais que tenham formação para trabalhar da melhor forma com as individualidades do aluno, as necessidades educacionais especiais, como, por exemplo, a dislexia, ou seja, precisa contar com profissionais especializados, que saibam como trabalhar com as dificuldades do aluno, desenvolvendo sua autonomia.

No mesmo viés, Oliveira; Gotti e Dutra (2006) afirmam que as salas de recursos devem ser focadas em alunos que foram diagnosticados com alguma dificuldade de aprendizagem, o funcionamento pedagógico deve ser com profissionais que realizam atendimento educacional especializado, ou seja, devem ter formação específicas nas áreas de atendimento aos alunos, e também em diferentes áreas, tendo em vista melhorar a adaptação e a aprendizagem dos alunos.

No que se refere à pessoa com alguma necessidade especial no âmbito educacional, Vygotsky afirma que “a criança com defeito não é indispensavelmente

uma criança deficiente” (VYGOTSKY,1997, p. 84). Desta forma, deve-se entender que uma pessoa que possui uma deficiência deveria ter as oportunidades escolares como uma outra pessoa qualquer, com todos os direitos iguais e reservadas às particularidades do ato de aprender. Ainda segundo Vygotsky (1998, pp. 117-118), a aprendizagem é elemento indispensável para o desenvolvimento das características humanas, que só se desenvolve por meio da mediação. “[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros”. Assim, na escola, esta mediação ocorre com os alunos entre si e também entre alunos e professores.

No entanto, a mediação do professor é aquela que possui a intencionalidade na superação dos *déficits* apresentados pelos educandos, por meio da compensação. Vygotsky (1997) pontua que juntamente com o *déficit* são dadas as possibilidades de desenvolvimento. Mas a compensação de deficiência somente acontecerá se houver uma real necessidade de mudança, de superação por parte da criança e apoio social sistemático. Nesta perspectiva, Vygotsky (1988) afirma que a apropriação do conhecimento se efetiva a partir das interações recíprocas do ser humano com o mundo, considerando as condições físicas, as relações socioculturais e os fatores históricos. Segundo o autor, para a apropriação do conhecimento, é preciso a colaboração de um mediador, sendo que nas atividades escolares, espera-se que o professor assuma papéis de mediador, estimulador e possibilitador das interações entre os alunos e os conhecimentos previstos para apropriação.

Já o trabalho do professor de sala de recursos precisa ter um embasamento teórico e conhecer as potencialidades de seus alunos para, a partir dessa realidade, desenvolver as atividades que se pretende trabalhar, neste caso, a produção de texto com qualidade e significância, na qual o aluno possa expressar a sua criatividade a partir da escrita, pois o simples ato de escrever um texto deve ser feito em etapas. Em se tratando da produção propriamente dita, o escritor, neste caso, o aluno da sala de recursos, deverá planejar um rascunho do que pretende produzir, elaborá-lo e reescrevê-lo, até que chegue ao produto final, ressaltando que este deve ter uma finalidade, um propósito, reservando a escrita a maior funcionalidade possível.

Desta forma, para tratar da aquisição da escrita pelos alunos, recorreu-se a André (2007); Mello (2006) os quais têm como fundamento a abordagem eleita e os

trabalhos de Antunes (2003; 2008), que trazem uma proposta de produção de texto, firmada nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná, Língua Portuguesa (2008, p.69) que destaca a função do professor neste processo.

Serão propostas atividades que venham ao encontro das necessidades dos alunos que têm dificuldades de aprendizagem. O objetivo é que o aluno planeje seu texto, uma vez que essa etapa prevê a anterior (planejar) e a posterior (rever o texto); - depois, é hora de reescrever o texto, levando em conta a intenção que se teve ao produzi-lo: nessa etapa, o aluno irá rever o que escreveu, refletir sobre seus argumentos, suas ideias, verificar se os objetivos foram alcançados; observar a continuidade temática; analisar se o texto está claro, se atende à finalidade, ao gênero e ao contexto de circulação; avaliar se a linguagem está adequada às condições de produção, aos interlocutores; rever as normas de sintaxe, bem como a pontuação, ortografia, paragrafação.

Com uma seleção de textos, partindo-se dos menos elaborados para os mais elaborados, do ponto de vista sintático, semântico e estilístico, o professor e os alunos elegem um gênero específico, por exemplo, o conto e, a partir da leitura de narrativas, os alunos produzem seus textos. Os trabalhos serão lidos pelo professor e pelos colegas, para que, assim, todos analisem se o encaminhamento da proposta atendeu às expectativas dos envolvidos nessa atividade. Tal prática, portanto, compreende a leitura, a compreensão e a interpretação acerca das possibilidades de sentidos veiculados pelo texto literário e a produção escrita intertextual.

O trabalho do professor da sala de recursos multifuncional é muito importante, essas atividades de produção de textos ajudam bastante alunos disléxicos, pela sua dificuldade com a leitura e escrita, portanto atividades que aliem esses dois critérios, contribuem bastante em sua aprendizagem.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa teve um estudo descritivo de caráter qualitativo e com pesquisa exploratória de campo para obter os resultados para a discussão e respostas acerca do tema. A fim de alcançar os objetivos propostos, foi realizada também uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de apoiar-se nos autores que descrevem como acontece o processo de encaminhamento do aluno disléxico.

Dessa forma, acredita-se que por meio desse tipo de pesquisa, é possível entender como ocorre o diagnóstico da dislexia.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Foi desenvolvido um trabalho de análise com profissionais responsáveis pelo diagnóstico e encaminhamento de estudantes disléxicos que trabalham na Secretaria de Educação do município de Pitanga e com professores de salas de recursos para entender como é desenvolvido o trabalho com alunos com o transtorno.

Em relação ao levantamento de dados, foi realizado a pesquisa exploratória que tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito a construir hipóteses, a maioria dessas pesquisas envolve o levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiravam experiências com o problema pesquisado (GIL, 2009). Ainda, identifica-se a necessidade da pesquisa descritiva que tem como principal objetivo a descrição de características de determinados fenômenos e também a característica de coleta de dados, como questionários e a observação sistemática (GIL, 2009).

A pesquisa de campo permite observar a realidade na teoria e na prática, pois, como é realizado no próprio local em que ocorre os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos (GIL, 2009).

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

3.2.1 População

Foram realizadas entrevistas com pessoas responsáveis pelo diagnóstico da dislexia, que trabalham na Secretaria de Educação do município de Pitanga, com professoras de sala de recursos da Escola Municipal Afoncina Mendes Seberemki

E.I.E.F. e a Escola Municipal do Campo Carlota Portugal Berardi, para entender como é o trabalho desenvolvido com alunos já diagnosticados com o transtorno.

3.2.2 Amostra

Composta por duas pessoas que são responsáveis pelo encaminhamento e diagnóstico da dislexia, que são formadas em Psicopedagogia, Educação Inclusiva, Especialização em Educação Especial e Neuropedagogia, e por duas professoras de sala de recursos e uma diretora que também faz o encaminhamento do aluno .

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

3.3.1 Instrumentos

Quanto aos instrumentos, foi aplicado de questionários, a fim de responder a problemática do trabalho e dúvidas acerca do tema, as perguntas foram mistas para melhor desenrolar-se do tema em que será questionado, como acontece o processo de identificação de um aluno disléxico, assim como o processo diagnóstico da dislexia, até o acompanhamento do aluno em salas de recursos.

Chizzotti (1991, p.44) define questionário como:

Um conjunto de questões sobre o problema, previamente elaboradas, para serem respondidas por interlocutor, por escrito ou oralmente. Neste último caso, o pesquisador se encarrega de preencher as questões respondidas [...] A elaboração de um questionário pressupõe a apropriação de algumas técnicas para chegar aos problemas centrais da pesquisa.

Dessa forma, os questionários têm a necessidade do pesquisador esclarecer com precisão os questionamentos que deseja responder por meio dos objetivos da pesquisa. As perguntas visam à informação que tais profissionais têm como procedimentos em seu cotidiano com o diagnóstico da dislexia, e o trabalho realizado dentro de salas de recursos com alunos com o transtorno.

3.3.2 Procedimentos

Em primeiro lugar, foi realizado o contato com a Secretaria de Educação de Pitanga e o recolhimento das assinaturas dos termos de autorização de pesquisa. Posteriormente, a aplicação do questionário que ocorreu no mês de setembro, sendo que os profissionais envolvidos responderam as questões propostas.

Os métodos diagnósticos foram comparados com aqueles previstos na literatura. Com as informações recolhidas na coleta de dados através do questionário entregue aos profissionais responsáveis pelo diagnóstico da dislexia e a visão de duas professoras da sala de recursos sobre como deve trabalhar com alunos com dislexia. As informações registradas envolveram a idade em que o diagnóstico foi feito, como é feito o encaminhamento do aluno, os profissionais necessários nas avaliações diagnósticas, as formas avaliativas e os exames utilizados, os testes que são utilizados nas avaliações diagnósticas, a quantidade de sessões para o diagnóstico, se os testes de neuroimagem são realizados no município estudado, quais os profissionais envolvidos desde o diagnóstico até o tratamento da criança e quais são eles.

Finalmente, a pesquisa abrange também saber, após o aluno ser diagnóstico, se ele é encaminhado para a sala de recursos e quais métodos são utilizados na sala de recursos com os alunos disléxicos.

Quadro 1 Refere-se à comparação entre o trabalho desenvolvido por profissionais que trabalham com o diagnóstico e o trabalho desenvolvido com alunos disléxicos nas salas de recursos entre o que a Literatura prevê para o Diagnóstico da Dislexia

| | Profissionais que trabalham com o diagnóstico da dislexia e trabalho desenvolvido na sala de recursos com alunos disléxicos. | O que a Literatura prevê para o diagnóstico da dislexia |
|---|--|---|
| Idade em que o diagnóstico é realizado | | |
| Como deve ser feito o encaminhamento do aluno | | |
| Profissionais que são necessários nas avaliações diagnósticas | | |
| Formas avaliativas que são utilizadas | | |
| Testes que são utilizados | | |
| Encaminhamento do aluno para sala de recursos | | |
| Métodos utilizados na sala de recursos | | |

Após a obtenção de dados, os questionários foram analisados e, a partir disso, cada resposta interpretada é analisada e comentada abaixo. Assim sendo, busca-se esclarecer os fatos relatados de forma clara e objetiva.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

A Análise de Conteúdo refere-se a um composto de instrumentos metodológicos o qual aprimora constantemente e se aplica a discursos múltiplos. Para Bardin (1977, p.31):

A Análise de Conteúdo é não só um instrumento, mas um “leque de apetrechos” ou, com maior rigor, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicações muito vasto: as comunicações.

Por conseguinte, foram analisados os dados coletados na pesquisa de campo e partir das questões respondidas pelos entrevistados e fundamentando-se nos autores que abordam a temática será analisado o que é exposto na teoria e como este é trabalhado na prática, evidenciando como acontece o processo diagnóstico da dislexia e o trabalho realizado nas salas de recursos.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para o cumprimento da investigação foi utilizado questionário³ misto (Apêndice), por meio de questões referentes ao processo de identificação e diagnóstico da dislexia, assim como o trabalho realizado com alunos disléxicos nas salas de recursos, com o intuito de melhor alcançar os objetivos da pesquisa. Sendo assim, para dar conta da proposta, foram entregues cinco questionários para três profissionais responsáveis pelo processo diagnóstico da dislexia e para duas professoras de sala de recursos, sendo que todas trabalham na rede municipal de ensino do município de Pitanga, Paraná.

O propósito do estudo foi investigar como ocorre o processo de identificação e acompanhamento no diagnóstico da dislexia, bem como o trabalho desenvolvido com os alunos disléxicos nas salas de recursos, para assim fazer uma comparação, com o que a literatura preconiza referente ao processo diagnóstico da dislexia, com os métodos diagnósticos utilizados no município de Pitanga, sob a visão de profissionais que trabalham com o diagnóstico. Para isso, se utilizou de 10 perguntas, as quais orientam essa temática. Na ocasião em que for necessário, os participantes serão citados como entrevistados⁴ A, B, C, D, e E.

Na primeira questão, ao serem questionados sobre se possuíam alguma formação para trabalhar na sala de recursos ou como profissional que trabalha com o processo diagnóstico da dislexia, os entrevistados, em sua maioria, ressaltam que tem como formação, Pós Graduação em Psicopedagogia, Educação Inclusiva, Especialização em Educação Especial e Neuropedagogia.

Em relação às informações das entrevistadas, como aponta Massi (2007), é necessário um acompanhamento qualificado na área como psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e outros, para diagnosticar o aluno como disléxico ou então, que apresente a dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita, cujo objetivo será confirmar a suspeita da escola.

Foi possível perceber que as entrevistadas possuem as formações citadas pela autora, e isso é de grande relevância, ou seja, o município conta com profissionais especializados, que podem atender as necessidades e dificuldades dos educandos, mas é necessário que os profissionais os quais trabalham com o

³ Quanto ao questionário encontre-se no Apêndice.

⁴ Ressaltamos que todas as respostas são de responsabilidade dos entrevistados.

diagnóstico da dislexia, ou com os alunos disléxicos nas salas de recursos, estejam sempre se especializando e adquirindo novos conhecimentos, a fim de que possam trabalhar com as especificidades do aluno, e assim, ajudá-lo da melhor forma possível em suas dificuldades.

No quesito dois, as entrevistados foram questionados sobre como é feito e encaminhamento do aluno, se é pela equipe pedagógica da escola, professor(a), pedagogo(a) ou pelos pais do aluno(a). Diante disso, responderam, em sua maioria, que é um trabalho conjunto entre equipe pedagógica, coordenação e direção e o corpo docente da escola, sendo que, em alguns casos, também acontece a participação dos pais no encaminhamento do aluno.

Em relação ao encaminhamento do aluno, o autor Frederico (2015) ressalta que pode ser feito pela família do aluno, ou então pela equipe pedagógica da escola, ou seja, professores, pedagoga e direção, mas até então vem se encontrado barreiras em encaminhamentos hábeis, na identificação dessas dificuldades de aprendizagem, pois, quando é encaminhado da forma correta, torna-se mais fácil chegar a um diagnóstico.

No momento em que o autor afirma que vem se encontrando barreiras no encaminhamento do aluno com dificuldades de aprendizagem, conforme foi respondido pelos entrevistados, pode-se perceber que, no município estudado, não vem se encontrando essas barreiras até o momento, o que é um ponto muito positivo, pois como aponta o autor, a partir do momento em que se faz o encaminhamento do aluno, torna-se mais fácil a realização do seu diagnóstico.

Na pergunta número três, ao serem questionados sobre em que idade o aluno(a) é encaminhado para o diagnóstico, as entrevistadas responderam de maneira semelhante. Segundo a entrevistada "C", "Quando se inicia o processo de escolarização já é possível verificar algumas questões, mas é no processo de alfabetização entre os seis aos oito anos de idade que geralmente ocorrem os encaminhamentos". Em contrapartida, a entrevistada "B", descreve que "Não tem idade certa. No momento em que a criança começa a apresentar dificuldades, normalmente no início da alfabetização".

Nesse sentido, segundo o *site* Portal da dislexia (2019), as dificuldades devem aparecer no decorrer do primeiro ciclo do Ensino Básico, visto que é recomendável que o diagnóstico formal não seja determinado, muito antes do 2º ano de escolaridade, pois as crianças podem apresentar algumas dificuldades de

aprendizagem de forma banais, mas, no caso da dislexia, deve-se observar dificuldades persistentes e não transitórias para, assim, ter um diagnóstico concreto.

Portanto, quando as entrevistadas relatam que o encaminhamento do aluno e o diagnóstico são realizados no momento da alfabetização, esse dado está adequado, pois como relata o *site* Portal da dilexia, o diagnóstico não pode acontecer muito cedo, já que se deve observar com os olhos atentos para não diagnosticar algo no aluno que possa ser uma dificuldade transitória, e também o diagnóstico da criança não pode acontecer muito tardio, pois pode comprometer sua alfabetização, conforme mais cedo for, melhor para o desenvolvimento acadêmico do educando.

Nesse sentido, em diagnosticar alunos com a idade em que as dificuldades não estejam todas manifestadas, o autor Piaget (1973, p.51) salienta:

[...] a diagnosticar atitudes em uma idade na qual, às vezes, são as mesmas pouco manifestadas, e como ativar esse diagnóstico que irá comprometer por vezes a carreira e a vida inteira do aluno? [...] só existem dois métodos: o exame propriamente dito e a análise do trabalho realizado em período de escolaridade, cada um deles por sua vez, suscetível aliás de se subdividir em dois outros. O exame pode consistir com efeito, quer em um exame escolar, quer em uma exame psicológico por pessoa especializada (o proprio corpo docente podendo estar habilitado por meio dos estudos psicológicos necessarios). A análise de trabalho realizado pode, por outro lado, voltada para o rendimento escolar [...].

O autor se refere que, ao diagnosticar alunos muito precocemente, pode-se acarretar vários problemas, as dificuldades apresentadas pelo aluno podem ser transitórias, por isso é necessário esperar, e observar com atenção, o diagnóstico também demanda profissionais especializados para sua realização.

No quarto ponto do questionário, as entrevistadas foram questionadas sobre quais profissionais são necessários e utilizados no município nas avaliações diagnósticas, e responderam de maneira similar. A entrevistada “D” descreve que “Os profissionais necessários são psicopedagoga, fonoaudióloga e neurologista”. Em contrapartida, a entrevistada “C” relatou que “Inicialmente é realizada uma triagem na escola pela equipe pedagógica e uma avaliação para levantamento de indicativos pela psicopedagoga e então encaminhada à fonoaudióloga para confirmação ou descarte de tais indicativos através de uma avaliação mais minuciosa com testes específicos da área da fonoaudiologia”.

Sendo assim, de acordo com as autoras Pestun, Ciasca e Gonçalves (2002), a avaliação da dislexia deve ser multiprofissional, pois envolve a participação de

vários profissionais, como o psicólogo que fará a avaliação emocional, a psicopedagoga fará a avaliação acadêmica, para saber se o aluno já vem reprovando na escola, ou seja, como está seu desenvolvimento acadêmico, a fonoaudióloga fará a avaliação auditiva, com o objetivo de saber se, somadas as dificuldades da criança, ela tem uma perda auditiva, formando, dessa forma, uma equipe multidisciplinar.

Também são utilizados médicos de diferentes áreas, que ajudarão a chegar ao diagnóstico. É importante fazer a avaliação de neuroimagem a fim de detectar qualquer lesão cerebral, que possa ser a causa da dificuldade da criança. Os resultados das avaliações dos profissionais devem ser analisados e discutidos em conjunto para chegar a um diagnóstico diferencial especificando as dificuldades observadas no educando.

Segundo os relatos das entrevistadas, o município conta, no momento, com uma equipe multiprofissional que é muito importante, mas quando as autoras dizem que é importante se fazer a avaliação de neuroimagem, não tem nenhuma informação se são realizados esse tipo de avaliação no município estudado.

No quesito cinco, as entrevistadas, ao serem questionadas, nas seções diagnósticas da dislexia, há um número de seções determinada, responderam de maneira distintas. A entrevistada “E” mencionou que “Sim, geralmente acontecem, no mínimo, nove seções com as profissionais, como psicopedagoga, fonoaudióloga e psicóloga”. Em contrapartida, a entrevistada “B” relatou: “Não, são realizadas observações, análise de leitura e escrita, o professor preenche uma ficha com os indicadores de TFE-Dislexia; o pedagogo faz a prova de consciência fonológica”.

Nesse sentido, não há um número determinado de seções do diagnóstico, esse critério está correto, ou seja, porque, deve-se observar bem todas as dificuldades e limitações do educando, pois cada aluno é diferente, com dificuldades diferentes, umas podem estar mais explícitas como outras, o aluno também deve passar por todos os profissionais necessários, ou seja, a equipe multiprofissional, para que assim somadas as dificuldades observadas possam chegar em um diagnóstico concreto.

Na questão seis, as entrevistadas foram questionadas, se são utilizadas algumas formas avaliativas nas avaliações diagnósticas, responderam de maneira dissemelhante. A entrevistada “C” acrescentou “São realizadas provas baseadas em processos visuais, auditivos e integrativos: avaliam a velocidade de acesso ao léxico

mental e ao acesso ao uso da reta lexical e fonológica; Provas baseadas em critérios de desenvolvimento: tempo de palavras lidas por minutos isoladamente, em frases e em textos, compreensão de material lido”. Já a entrevistada “A” relatou “São utilizadas produções de textos, testes formais e informais e consciência fonológica”.

No que se refere às avaliações diagnósticas, Pestun (2001) advoga que se deve fazer uma triagem inicial que é composta em fazer uma entrevista com os pais ou responsáveis pela criança, também é necessário entregar um questionário para a professora responder como é o desenvolvimento escolar da criança, e os motivos pelos quais foi dado o encaminhamento do aluno, ou seja, quais são suas dificuldades escolares, depois se faz a avaliação psicológica e neuropsicológica, que são responsáveis por exames intelectuais, e a aplicação de alguns testes específicos como WISC, que dispõe de quatro índices: Compreensão Verbal, Organização Perceptual, Memória Operacional, Velocidade de Processamento e o QI total, outro teste utilizado é o Bender, Audibilização, também deve-se fazer uma avaliação específica de Leitura e Escrita; Leitura Oral de Palavras; Repetição de Palavras e Tomada de Ditado; Leitura de Texto. Nesses itens são avaliados o tipo de leitura, ou seja, se é silabada, pausada ou fluente, e também quanto tempo a criança utiliza para realizar a leitura do texto, sua compreensão do texto, respeito aos sinais de pontuação, entonação, frequência de erros e se seu nível de leitura é normal, alterada ou muito comprometida; e Segmentação Fonética.

Pode-se perceber que no município estudado, os profissionais responsáveis pelo diagnósticos realizam algumas formas avaliativas citadas pela autora, mas, como se pode inferir, são bem poucas comparadas com as enunciadas acima.

Na pergunta número sete, as entrevistadas foram abordadas referentes às avaliações diagnósticas, se são utilizados algum tipo de testes, as entrevistadas responderam à questão de maneiras diferentes. A entrevistada “D” descreveu, “Sim, localização sonora, figura de fundo, memória, discriminação, associação, atenção e compreensão auditiva. Em contrapartida, a entrevistada “C” acrescentou que “Sim, como psicopedagoga, utilizo testes padronizados, tais como o Confias o TDE e testes informais baseados em habilidades cognitivo-linguísticas que avaliam a leitura e a escrita de palavras e pseudopalavras; habilidades metacognitivas (rima, alteração, segmentação silábica); processamento auditivo (discriminação auditiva, ritmo, repetição de palavras e pseudopalavras, memória direta e indireta); processamento visual (memória visual, discriminação visual); velocidade de

processamento e raciocínio lógico, além das entrevistas com os (as) professores(as) e pais do(a) aluno(a)”.

As autoras Fukuda e Capellini (2011) acrescentam que se deve avaliar o Conhecimento do Alfabeto do aluno, Consciência Fonológica, Memória de trabalho, Velocidade de acesso a informações fonológicas, Velocidade visual, Leitura de palavras e pseudopalavras e Compreensão de frases a partir de figuras apresentadas. Pode-se perceber que, a partir da descrição da entrevistada “C”, é semelhante às formas avaliativas relatadas pelas autoras. Quanto aos testes citados pela entrevistada TDE- Teste de Desempenho Escolar e (CONFIAS) Avaliação da Consciência Fonológica- Instrumento de Avaliação Sequencial são testes muito importantes de serem realizados com alunos com dificuldades de aprendizagem.

No oitavo ponto de questionamento, as entrevistadas foram questionadas sobre, após o aluno ser diagnosticado e encaminhado para a sala de recursos, todas as respostas foram unânimes: este deve ser encaminhado para a sala de recursos para que, assim, tenha um acompanhamento e para que sejam trabalhados aspectos específicos que afetam sua aprendizagem.

Na nona questão, as entrevistadas foram questionadas referentes a quais métodos são utilizados com o aluno disléxico na sala de recursos, responderam de maneira semelhante, ressaltando que é utilizado o Método das Boquinhas, consciência fonológica e autoestima, apenas a entrevistada “B” respondeu de maneira diferente: ressaltou que “Além de trabalhar as percepções, a estruturação espacial e lateralidade se utiliza o método fônico, jogos e brincadeiras, memória, estímulo, elogios, e, principalmente, aceitação de sua dificuldade (dislexia)”.

A questão décima abordava sobre se é desenvolvido algum trabalho específico com o aluno disléxico na sala de recursos, todas as entrevistadas responderam que sim, mas descreveram de maneiras distintas, a entrevistada “D” relatou: “É feito um plano de ensino individual como trabalhar: percepção visual, memória, orientação espacial, lateralidade, consciência fonológica, intervenções”. Já a entrevistada “C” acrescentou: “É feito um trabalho que desenvolva as habilidades cognitivolinguísticas especificando cada defazagem e dificuldades dos disléxicos, para que estes possam evoluir em seu aprendizado”.

Quanto às questões, oito, nove e dez, referentes às descrições das entrevistadas, as autoras Oliveira; Gotti e Dutra (2006) destacam que nos espaços de salas de recursos, devem ser elaboradas atividades com base em estratégias

que direcionem a construção do conhecimento do aluno com dificuldades educacionais. Assim sendo, a sala de recursos multifuncional precisa contar com profissionais que tenham formação para trabalhar da melhor forma com as individualidades do aluno, as necessidades educacionais especiais, como, por exemplo, a dislexia, ou seja, precisa contar com profissionais especializados, que saibam como trabalhar com as dificuldades do aluno, desenvolvendo sua autonomia.

Com isso, nas salas de recursos com educação inclusiva, no texto das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001, p.50) encontra-se o conceito do serviço especializado que as salas de recursos devem desenvolver:

Salas de Recursos: serviços de natureza pedagógica, conduzidos por professores especializado, que suplementa (no caso superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento realizado em classes comuns [...]. Esse serviços realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que frequentam a classe comum. [...].

O atendimento especializado das salas de recursos ajudam muito na aprendizagem do aluno disléxico, pois nesse ambiente que pode ser desenvolvido um trabalho específico aliando as dificuldades do aluno, para que, assim, sejam minimizadas.

Além das perguntas do questionário, as entrevistadas foram questionadas acerca do envolvimento dos pais do aluno(a) no processo diagnóstico, ou seja, se há a participação deles, e como é o processo de aceitação destes, as respostas das entrevistadas foram unânimes, sendo assim, a entrevistada “C” me relatou, “Quando nos referimos ao envolvimento dos pais, há diferentes casos. Em alguns, os pais são extremamente participativos e solícitos, já, em outros, se negam até a levar seus filhos nas seções de avaliação. O principal ponto de participação dos pais é o momento da anamnese⁵, no qual eles trazem aspctos genéticos (quando alguém da família já tem dislexia), orgânicos (desde a gestão ou parto) e sociais (o que a

⁵ Anamnese: Do *grego anámimnesis*, que significa, ação de trazer à mente reminiscência, que traz o sentido de retórica, no qual o orador tenta lembrar de determinada situação, pode ser uma informação referente ao princípio e evolução de alguma doença até a primeira observação do médico. **Dicionário Priberam de Língua Portuguesa**, 2008-2013 Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/anamnese> Acesso em 06 de outubro 2019.

criança vive) que podem contribuir para o desenvolvimento da dislexia. Alguns pais aceitam bem o diagnóstico, até agradecem por termos encontrado o que gera tantas dificuldades em seu filho, outros acham que a escola está simplesmente procurando problemas em seu filho”.

Como descreveu a entrevistada, o papel dos pais é de muita relevância no processo diagnóstico, mas, infelizmente, alguns pais se negam a participar da vida escolar de seus filhos.

No dia em que ocorreu a aplicação do questionários, a entrevistada “A” relatou sobre quantos casos de disléxicos contam no momento no município estudado, “Não são muitos casos diagnosticados de dislexia, mas, no momento em que há a suspeita da escola, é feito o indicativo do transtorno da dislexia, ou seja, o aluno já é tido como disléxico, pois o diagnóstico pode demorar um pouco para ser efetivado, no momento em que é feito o indicativo de disléxico, o aluno é encaminhado para o neuro, nesse momento, pode-se demorar um pouco, pois o município não conta ainda com um neuro, sendo assim o aluno necessita fazer o atendimento em outro município, dinte disso, há o atraso do aluno ser diagnosticado”.

Como se pode perceber, com os relatos das entrevistadas, é feito um bom trabalho com o diagnóstico da dislexia no município de Pitanga, apesar que se encontra com algumas lacunas que podem ser corrigidas, como por exemplo da falta de um neuro no município, pois se houvesse, os diagnósticos poderiam acontecer com mais agilidade, favorecendo o desenvolvimento do aluno.

Um fator importante a destacar é que, ao serem confrontadas as descrições das entrevistadas, com alguns autores, pode-se constatar que o município desenvolve um bom trabalho, bem semelhante com a concepção dos autores citados, mas em alguns aspectos, observa-se a falta de alguns critérios no diagnóstico da dislexia como, por exemplo, a falta de formas avaliativas e da avaliação de neuroimagem que é de bastante relevância.

Quadro 2 Refere-se aos resultados entre à comparação entre o trabalho desenvolvido por profissionais que trabalham com o diagnóstico e o trabalho desenvolvido com alunos disléxicos nas salas de recursos entre o que a Literatura prevê para o Diagnóstico da Dislexia.

| | | |
|---|---|---|
| | Profissionais que trabalham com o diagnóstico da dislexia e trabalho desenvolvido na sala de recursos com alunos disléxicos. | O que a Literatura prevê para o diagnóstico da dislexia. |
| Idade em que o diagnóstico é realizado | Quando se inicia o processo de escolarização já é possível verificar algumas questões, mas é no processo de alfabetização entre os seis aos oito anos de idade que geralmente ocorrem os encaminhamentos. | Segundo o <i>site</i> Portal da dislexia (2019), as dificuldades devem aparecer no decorrer do primeiro ciclo do Ensino Básico, visto que é recomendável que o diagnóstico formal não seja determinado, muito antes do 2º ano de escolaridade, pois as crianças podem apresentar algumas dificuldades de aprendizagem de forma banais, mas, no caso da dislexia, deve-se observar dificuldades persistentes e não transitórias, para assim ter um diagnóstico concreto. |
| Como deve ser feito o encaminhamento do aluno | Um trabalho conjunto entre equipe pedagógica, coordenação e direção e o corpo docente da escola, sendo que, em alguns casos, também acontece a participação dos pais no encaminhamento do aluno | O autor Frederico (2015) ressalta que pode ser feito pela família do aluno, ou então pela equipe pedagógica da escola, ou seja, professores, pedagoga e direção entre outros. |
| Profissionais que são necessários nas avaliações diagnósticas | Os profissionais necessários são psicopedagoga, fonoaudióloga e neurologista. | As autoras Pestun, Ciasca e Gonçalves (2002), a avaliação da dislexia deve ser multiprofissional, pois envolve a participação de vários profissionais, como o psicólogo, psicopedagoga e a fonoaudióloga, assim formando uma equipe multidisciplinar. |

| | | |
|--|--|--|
| <p>Formas avaliativas que são utilizadas</p> | <p>São realizadas provas baseadas em processos visuais, auditivos e integrativos: avaliam a velocidade de acesso ao léxico mental e ao acesso ao uso da reta lexical e fonológica; Provas baseadas em critérios de desenvolvimento: tempo de palavras lidas por minutos isoladamente, em frases e em textos, compreensão de material lido.</p> | <p>Pestun (2001) deve-se fazer a avaliação psicológica e neuropsicológica, que são responsáveis por exames intelectuais, e a aplicação de alguns testes específicos como WISC, que dispõe de quatro índices que são: Compreensão Verbal, Organização Perceptual, Memória Operacional, Velocidade de Processamento e o QI total, outro teste utilizado é o Bender, Audibilização, também deve-se fazer uma avaliação específica de Leitura e Escrita; Leitura Oral de Palavras; Repetição de Palavras e Tomada de Ditado; Leitura de Texto. Nesses itens são avaliados o tipo de leitura, ou seja, se é silabada, pausada ou fluente, e também quanto tempo a criança utiliza para realizar a leitura do texto, sua compreensão do texto, respeito aos sinais de pontuação, entonação, frequência de erros e se seu nível de leitura é normal, alterada ou muito comprometida; e Segmentação Fonética</p> |
| <p>Testes que são utilizados</p> | <p>É utilizado testes padronizados, tais como o Confias o TDE e testes informais baseados em habilidades cognitivo-linguísticas que avaliam a leitura e a escrita de palavras e pseudopalavras; habilidades metacognitivas (rima, alteração, segmentação silábica); processamento auditivo (discriminação auditiva,</p> | <p>As autoras Fukuda e Capellini (2011) acrescentam que se deve avaliar o Conhecimento do Alfabeto do aluno, Consciência Fonológica, Memória de trabalho, Velocidade de acesso a informações fonológicas, Velocidade visual, Leitura de palavras e pseudopalavras e Compreensão de frases a partir de figuras</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>ritmo, repetição de palavras e pseudopalavras, memória direta e indireta); processamento visual (memória visual, discriminação visual); velocidade de processamento e raciocínio lógico, além das entrevistas com os (as) professores(as) e pais do(a) aluno(a).</p> | <p>apresentadas. Deve-se aplicar testes também como: (EAVAP-EF), (COMFIAS), (PROLEC) e (TDE).</p> |
| <p>Encaminhamento do aluno para sala de recursos</p> | <p>São encaminhado para a sala de recursos para que, assim, tenha um acompanhamento e para que sejam trabalhados aspectos específicos que afetam sua aprendizagem.</p> | <p>Segundo (BRASIL, 2001, p.50) deve-se encaminhado para as salas de recursos para que sejam desenvolvidos serviços como: Salas de Recursos: serviços de natureza pedagógica, conduzidos por professores especializado, que suplementa (no caso superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento realizado em classes comuns [...]. Esse serviços realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que frequentam a classe comum. [...].</p> |

| | | |
|--|---|--|
| Métodos utilizados na sala de recursos | É utilizado o Método das boquinhas, consciência fonológica e autoestima. É desenvolvido um trabalho que desenvolva as habilidades cognitivas linguísticas que cada disléxico apresenta em específico, sua defasagem, para que possam evoluir em seu aprendizado | As autoras Oliveira; Gotti e Dutra (2006) destacam que nos espaços de salas de recursos, devem ser elaboradas atividades com base em estratégias que direcionem a construção do conhecimento do aluno com dificuldades educacionais. |
|--|---|--|

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, buscou-se entender as respostas referentes ao trabalho desenvolvido desde a identificação ao processo diagnóstico da dislexia, assim também como o trabalho desenvolvido com alunos disléxicos nas salas de recursos do município de Pitanga, cidade do interior do estado do Paraná.

As pesquisas proporcionaram maior entendimento no tangente ao transtorno estudado (dislexia) e os malefícios que acarreta para a vida do educando, haja vista que é uma dificuldade difícil de ser identificada e diagnosticada, se não houver um conhecimento prévio sobre o assunto, pois as dificuldades da criança podem ser confundidas com outras dificuldades, ou pela falta de compreensão do problema, acarretar transtornos que acompanharão toda a vida do indivíduo, escolar ou extra escolar.

Como foi citado ao decorrer da pesquisa, a dislexia é um transtorno de aprendizagem de origem neurológica, que não tem cura, mas, quando o disléxico é identificado e diagnosticado por uma equipe multiprofissional, ou quando é desenvolvido um trabalho específico, torna-se mais fácil o desenvolvimento acadêmico do educando, podendo melhorar de maneira significativa em suas dificuldades.

Por meio do embasamento teórico, possibilitou-se conhecer como ocorre o processo diagnóstico da dislexia, assim como as formas avaliativas que são aplicadas, os testes utilizados e os profissionais necessários: psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista, psicopedagogo, assim formando uma equipe multiprofissional.

Na análise de dados, a partir da aplicação do estudo do questionário, ressaltou-se, na prática, como é desenvolvida a identificação do aluno, os profissionais necessários nas avaliações diagnósticas, a área de formação das profissionais que trabalham com o diagnóstico, assim como das professoras que trabalham com os alunos disléxicos nas salas de recursos, as formas avaliativas que são utilizadas nos diagnósticos, bem como os testes utilizados, e também o trabalho desenvolvido nas salas de recursos.

A partir das descrições das entrevistadas, pode-se concluir que é desenvolvido um bom trabalho no município de Pitanga, tanto no trabalho com a identificação e o diagnóstico da dislexia, como o trabalho desenvolvido nas salas de

recursos com os alunos disléxicos, pois com a comparação das descrições e com as concepções dos autores, constatou-se que há critérios bem semelhantes desenvolvidos no município como, por exemplo, os profissionais que são utilizados nas avaliações diagnósticas, as formas avaliativas que são realizadas, assim como outros critérios que coadunam com a ideia dos autores utilizados na fundamentação teórica.

Cabe ressaltar, entre as realidades distintas, que se encontram algumas lacunas, as quais podem ser solucionadas, como a importância em desenvolver avaliações de neuroimagem, critério de bastante relevância no processo diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, pois a partir desta, é possível identificar se a criança tem alguma lesão cerebral, que pode ser a causa da sua dificuldade. Assim, como o município estudado não conta, até o momento, com um neurologista e, dada a importância desse profissional nas avaliações diagnósticas, faz-se necessário sua contratação, pois, de acordo com os relatos das entrevistadas, por não haver esse profissional, é necessário o encaminhamento para outros municípios, ocasionando o retardo no diagnóstico, contudo, o encaminhamento para outro município acaba sendo um processo demorado.

A realização do diagnóstico é muito importante, pois quanto mais cedo for detectada, melhor será para o educando, sendo que o diagnóstico precoce facilitará o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, e sua vida escolar será menos conturbada. É importante lembrar que o diagnóstico mais preciso só ocorre no momento em que a criança está em processo de alfabetização, quando começa a apresentar indícios de uma possível dislexia. Quando o aluno não é diagnosticado, acaba sofrendo toda a vida escolar que perdura até a vida adulta, em alguns casos, nunca descobrem as causas do problema e as rotulações continuam.

Uma vez que o aluno é diagnosticado, o professor da sala de recursos pode pesquisar maneiras diferenciadas e específicas em suas dificuldades, proporcionando ao aluno uma forma mais prazerosa de aprender, daí vem a importância do aluno ser encaminhado para a sala de recursos, pois o professor pode mostrar para seus alunos que, mesmo com suas dificuldades, são capazes de aprender as habilidades de ler e escrever, assim como outras dificuldades. Nessa perspectiva, deixa-se o presente trabalho com suas considerações finais em aberto para continuidade de novas pesquisas dada a relevância da área analisada.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luciana Mendonça. *et al.* Aspectos prosódicos temporais da leitura de escolares com dislexia do desenvolvimento. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. São Paulo, vol. 14 n.2, p.194-204, Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342009000200010>. Acesso em 21 mai. 2019.
- ANDRÉ, Tamara Cardoso. O desenvolvimento da escrita segundo Vigotski: possibilidades e limites de apropriação pelo livro didático. 2007. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). **Programa de Pós-Graduados em Educação da Universidade Federal do Paraná**, 2007.
- ANTUNES, I. **Aula de português: Encontro & Interação**. São Paulo: Parábola, 2003. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial: MEC, SEESP, 2001.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: www.mec.gov.br Acesso em: 01 set. 2019.
- BRAUN, Patrícia; VIANNA, Márcia Marin. Atendimento Educacional Especializado, Sala de Recursos Multifuncional e Plano de Ensino Individualizado: Desdobramentos de um fazer pedagógico. **Seropédica**, RJ: EDUR, p. 23-34, 2011. Disponível em: <http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/Braun&Marin.AEE.2011.pdf> Acesso em: 01 set. 2019.
- CEREJA, Willian Roberto. **Gramática: textos, reflexão e uso**. 3 ed. Reform. São Paulo: Atual, 2008.
- Concelho Federal de Psicologia**. Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). 2019. Disponível em: <http://satepsi.cfp.org.br/> Acesso em 25 Ago. 2019.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- Crerios diagnósticos da dislexia. **Portal da dislexia**, 2019. Disponível em: <https://dislexia.pt/diagnostico/> Acesso em: 08 de set. 2019.
- Dicionário Priberam de Língua Portuguesa**, 2008-2013 Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/anamnese> Acesso em 06 de outubro 2019.

FREDERICO NETO, Francisco. et al. Criança com Dificuldade de Aprendizagem: o processo de construção de uma guia de encaminhamento de alunos com queixas escolares a serviços de saúde. **Revista Psicopedagógica**. São Paulo, vol.32, n.98, p.158-167.2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862015000200006&script=sci_abstract&tlng=en >. Acesso em 31 mar. 2019.

FUKUDA, Maryse Tomoko Matsuzawa; CAPELLINI, Simone Aparecida. Treinamento de Habilidades Fonológica e Correspondência Grafema-Fonema em Crianças de Riscos para Dislexia. **Revista CEFAC**. São Paulo, v.20, n.2, p.227-235, Mar./Apr.2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462011000200005&lang=pt >. Acesso em 22 fev. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4 ed. São Paulo: Atlas. 2009.

GUEDIM, Talita Fernanda Gonçalves. et al. Desempenho fonológico, leitura e escrita em escolares com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. **Revista CEFAC**. São Paulo, vol.19 no.2, p. 242-252, Mar./ Apr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v19n2/1982-0216-rcefac-19-02-00242.pdf>>. Acesso em 16 mai. 2019.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Tradução de Cláudia Dornelles. 4 ed. Rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MALUF, Maria Regina; BARRERA, Sylvia Domingos. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, vol. 10, núm. 1, 1997, p. 1-19, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 18 ago. 2019.

MASSI, Giselle. **A Dislexia em Questão**.4.ed. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil. Contribuições de Vygotsky. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de & MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Linguagens infantis**. Outras formas de leituras. Campinas: Autores Associados, 2005.

OLIVEIRA, Adriana Marques; CARDOSO, Ana Cláudia Vieira; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho de Escolares com Distúrbio de Aprendizagem e Dislexia em Testes de Processamento Auditivo. **Revista CEFAC**. São Paulo, vol. 13, n.3, pp. 513-521, Mai-Jun, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n3/26-10.pdf> Acesso em: 16 de Mai 2019.

OLIVEIRA, Adriana Marques; Simone Aparecida. Caracterização dos processos de leitura em escolares com dislexia e distúrbio de aprendizagem. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. São Paulo, vol.17 no.2, p.201-207, Apr./June.2012.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v17n2/17.pdf>>. Acesso em 16 mai. 2019.

OLIVEIRA, Denise Alves; GOTTI, Claudia Maffini, DUTRA, Claudia Pereira. **Sala de recursos multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

Organização Mundial da Saúde. **CID-10** Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2008. vol.1.

PARANÁ. Instrução 010/2011 SEED/SUED. **Estabelece critérios para o funcionamento da Sala de Recursos Multifuncional Tipo I** – para a Educação básica na Área das Altas Habilidades /Superdotação. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes%202011%20sued%20seed/instrucao0102011seedsued.PDF>> Acesso em 12 ago. 2019.

PARANÁ. **Instrução 016/2011 SEED/SUED** que estabelece critérios para o atendimento educacional especializado em Sala de Recursos Multifuncional Tipo I, na Educação Básica – área da deficiência intelectual, deficiência física neuromotora, transtornos globais do desenvolvimento e transtornos funcionais específicos. 2011c. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/Instrucao162011.pdf> Acesso em: 12 ago. 2019.

PARANÁ, Secretaria de Educação do Estado do Paraná: **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa**. 2008.

PARANÁ, Secretaria de Educação do Estado do Paraná: **Educação Especial**. 2006.

PASIAN, Mara Silvia; MENDES, Enicéia Gonçalves; CIA, Fabiana. Funcionamento Pedagógico nas Salas de Recursos Multifuncionais: Revisão de trabalhos em eventos científicos. **FUCAMP**, v.12, n.17, p.18-27/2013. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/88b6/a5f3977ca7bd1f5c350ad1c1d92e86e50c51.pdf> Acesso em: 01 set. 2019.

PELITERO, Tatiane Maria; MANFREDI, Alessandra Kerli Silva; SCHNERCK, Andrea Pires Corrêa. Avaliações das habilidades auditivas em crianças com alterações de aprendizagem. **Rev. CEFAC**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2010nahead/28-09.pdf>>. Acesso em 16 mai. 2019.

PESTUN, Magda Solange Vanzo. **Análise Funcional Discriminativa em Dislexia do Desenvolvimento**. 2001. 237 f. Tese (Doutorado) –Curso de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/312182>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

PESTUN, Magda Solange Vanzo; CIASCA, Sylvia; GONÇALVES, Vanda Maria Gimenes. A Importância da Equipe Interdisciplinar no Diagnostico de Dislexia do

Desenvolvimento: Relato de caso. **Arq. Neuro-Psiquiatr**, São Paulo, vol.60, no. 2A, p.328-332, June.2002.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2002000200029&lang=pt >. Acesso em: 04 mar. 2019.

PIAGET, Jean. A Educação deve ser Gratuita. In: PIAGET, Jean. **Jean Piaget, para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Editora S.a, 1973. p. 51-52.

ROSSETTO, Elisabeth. Sujeitos com deficiência no ensino superior. 2009.238f. Tese (Doutorado)- **Universidade Federal de Santa Maria**. Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Alex; ALLIPRANDINI, Paula Mariza Zedu. A promoção do uso de estratégias cognitivas em alunos do Ensino Médio. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**. Maringá, vol.22 no.3, p.535-543, Set./Dez 2018.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572018000300535&lang=pt>. Acesso em 16 mai. 2019.

SOUZA, Adilson Veiga; iLKIU, Giovana Simas de Mello. **Manual de Normas Técnicas Para Trabalhos Acadêmicos**. União da Vitória-PR: Kaygangue, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L. S. Obras escogidas- **Tomo cinco: Fundamentos da defectologia**. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Formação Social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO REFERENTE AO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E
DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS DISLÉXICAS: ESTUDO DE CASO**

1. Você possui alguma formação para trabalhar na sala de recursos ou como profissional que trabalha com o processo diagnóstico da dislexia?

() sim () não

Se sim, qual?

2. Como é feito o encaminhamento do aluno?

() Equipe pedagógica da escola.

() Professor(a).

() Pedagogo(a).

() Pais do aluno(a).

3. Em que idade que o aluno(a) é encaminhado para o diagnóstico?

4. Quais são os profissionais que são necessários e utilizados no município nas avaliações diagnósticas?

5. Nas seções diagnósticas da dislexia, há um número de seções determinada?

() sim () não

Como acontece esse processo?

6. São utilizadas algumas formas avaliativas nas avaliações diagnósticas?

() sim () não

Quais?

7. Nas avaliações diagnósticas, são utilizados algum tipo de testes?

() sim () não

Quais?

8. Após o aluno ser diagnosticado, ele é encaminhado para a sala de recursos?

() sim () não

Por quê?

9. Quais métodos são utilizados com o aluno disléxico na sala de recursos?

10. É desenvolvido algum trabalho específico com o aluno disléxico na sala de recursos?

() sim () não

Quais?

ANEXOS

ANEXO A

CARTA DE AUTORIZAÇÃO/ANUÊNCIA

Eu, Alfredo Luiz Schavaren, Secretário da Educação do Município de Pitanga, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada, Processo de Identificação e Diagnóstico de Crianças Disléxicas: Estudo de caso, sob responsabilidade da pesquisadora Jaqueline Maria Drong, para profissionais responsáveis pelo processo diagnóstico da dislexia e professores da sala de recursos. Para isto, serão disponibilizados ao pesquisador os questionários.

Pitanga, 18 de setembro de 2019.

Alfredo Luiz Schavaren
Secretário da Educação

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____, por intermédio do presente termo de consentimento livre e esclarecido, concordo plenamente em participar do Projeto de pesquisa intitulado: Processo de Identificação e Diagnóstico de Crianças Disléxicas: Estudo de Caso.

Tenho conhecimento que o estudo, projeto, procedimento não provoca nenhum dano físico ou emocional, que não há risco em participar da pesquisa.

Concordo também que minha participação no projeto se dê a título gratuito, não recebendo, portanto nenhum honorário ou gratificação referente ao projeto de pesquisa e não estou sujeito a custear despesas para a execução do projeto.

Tenho conhecimento que tenho o direito de me retirar do projeto a qualquer momento desde que faça comunicação ao coordenador da pesquisa, por escrito, previamente.

Concordo com a possibilidade de as informações relacionadas ao estudo serem inspecionadas pelo orientador da pesquisa e, que qualquer informação a ser divulgada em relatório ou publicação, deverá sê-lo de forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida.

Assim sendo, acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas e explicadas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo em participar, voluntariamente, deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

Pitanga, 19 de Setembro de 2019

Assinatura do participante da pesquisa.

Nome Completo:
CPF/MF:
Endereço:
Cidade:
Contato:

Assinatura do(a) pesquisador(a).